

TÍTULO DO TRABALHO			
A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS RURAIS: O caso dos Clubes Agrícolas (1945-1960)			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Nathalia dos Santos Nicolau	Universidade Federal Fluminense	UFF	Mestranda
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O trabalho proposto trata-se da pesquisa de dissertação a qual está sendo realizada na Universidade Federal Fluminense, tendo como temática os Clubes Agrícolas. Esse estudo vai da década de 1945 até 1960 e tem como objetivo a educação realizada pelos clubes. Publicações em forma de Revistas que apresentavam as atividades que ocorriam dentro desses espaços educacionais voltadas para crianças e jovens foram usadas, e documentos ligados ao Ministério da Agricultura que abordam a criação e difusão desses Clubes. Dessa forma, a partir do conceito de Estado Ampliado de Antonio Gramsci, a respeito dos conflitos entre a Sociedade Política e a Sociedade Civil, busco analisar as disputas entre Aparelhos Privados de Hegemonia, para consolidação de um projeto hegemônico de educação que visava a modernização do campo através do produtivíssimo e a transformação da mentalidade da sociedade rural, principalmente dos jovens, em prol da propaganda sob o slogan “Trabalho para a vida”.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Agricultura – Educação			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>The proposed work is from a dissertation research that is being realized in the Universidade Federal Fluminense, having agricultural clubs as a theme. This research goes from 45's to 60's decades and has the goal to demonstrate the education realized by the clubs through sources. Magazines that represented the activities which happened on these educational places for education of child and young adults were used as source, and also documents related to the Ministry of Agriculture that approach the creation and diffusion of these clubs. Thus, from Antonio Gramsci's concept called Extended State, about the conflict between the Policy Society and the Civil Society, I analyze the disputes between Devices Private Hegemony, to consolidate a hegemonic education project aimed to modernize the field through productivism and the transformation of the mentality of rural society, especially young adults, in favor of advertising under the slogan "Working for life."</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Agriculture - education			
EIXO TEMÁTICO			
Educação, Classes e Luta de Classe			

A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS RURAIS:

O caso dos Clubes Agrícolas (1945-1960)

Introdução

O presente trabalho busca refletir sobre a educação rural pensando em como a questão do trabalho se torna importante em um projeto voltado para ensinar jovens rurais. Para melhor dar conta desse aspecto, reflito sobre a modernização do meio rural e como os jovens foram incorporados por projeto que visavam o desenvolvimento do país a partir do esforço de mudar a mentalidade da sociedade agrária, que era tida como atrasada, conter o êxodo e frear os movimentos sociais.

A partir da coleta e leitura das fontes encontradas, proponho nesse trabalho uma reflexão crítica sobre como ocorreu a criação dos Clubes Agrícolas em meio ao contexto histórico da época, objetivando que esse projeto educacional, vinculado ao Ministério da Agricultura e outras agências (nacionais e internacionais) fosse capaz de interferir junto à formação das crianças e jovens do campo.

Farei referências a criação dos Clubes Agrícolas ainda no início do Estado Novo, conquanto a pesquisa tenha como foco principal examinar mais a fundo a organização e proliferação dos Clubes sobretudo a partir da segunda metade da década de 1940, quando a política estatal a eles destinada se torna mais ampla e começa a incorporar o espírito desenvolvimentista que tem sua continuidade e aprofundamento na década seguinte até, mais precisamente, o ano de 1961, quando a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, transfere, definitivamente todos os ramos da educação rural para a responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura.

Portanto, ao fazer esse caminho irei analisar o meu objeto de estudo na dissertação que são os Clubes Agrícolas. Esses Clubes eram instituições extraescolares com objetivo de educar crianças e jovens para o trabalho com a terra. Para isso faço uso em minha bibliografia dos escritos da historiadora e Doutora Sonia Mendonça que estuda a questão da Educação Rural e as Políticas Públicas voltadas para o campo.

A modernização do campo brasileiro sob o viés da educação

Desde o século XIX até os anos 1930 o campo brasileiro foi marcado por altos índices de analfabetismo. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a crise que assolou e levou o Brasil a entrar em uma crise agrário-exportadora, o meio rural passava a ser repensado por alguns intelectuais e a educação rural era um desses pontos de análise. Diante de uma crise de grandes proporções, a dinâmica não só do Brasil, mas de diversos países sofreram uma alteração. A década de 1930 foi transformadora para o país e o novo personagem seria a indústria calcada no nacionalismo e que traria consigo uma gama de diferentes grupos disputando projetos hegemônicos junto ao Estado Restrito. Sendo assim, o projeto educacional contra o analfabetismo ganhou outras proporções se tornando mais amplo e com o objetivo de mudar a mentalidade dos homens, principalmente os trabalhadores.

Já no pós-30 principalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial, ideias neoliberais vinham ganhando força e com isso o nacionalismo construído por Vargas passava a desagradar certos setores políticos e econômicos que queriam uma “liberdade” em relação a medidas tomadas pelo Estado. Durante esse embate as cidades continuaram a crescer e ser o palco das maiores disputas por hegemonia e isso fica claro, nos projetos políticos em prol de uma urbanização crescente. “É sempre bom lembrar que o crescimento da industrialização levava ao crescimento cada vez maior da população urbana, o que, por sua vez, representava mais votos.” (MENDONÇA, 1995, p.51)

O projeto de desenvolver o país é algo constante na história do Brasil, mas foi no período compreendido entre meados da década de 1940 e a década de 1950 que de fato projetos ditos desenvolvimentistas passaram a figurar na Sociedade Civil e Política, em especial em 1948 com a criação Comissão Econômica Para a América Latina (CEPAL) e posteriormente posto em prática no governo de Juscelino Kubitschek com o Plano de Metas.

É nesse período que procuro destacar o crescente discurso de modernização no país em termos econômicos pautado nos valores do desenvolvimentismo sob a ótica da indústria nacional, mas que também buscava inculcar valores urbanos e ditos, também, progressistas no meio rural brasileiro com a ideia de moderniza-lo e tendo como um dos caminhos a educação de jovens rurais. É, portanto no pós-1945 que a preocupação com o Terceiro Mundo se acentua e as atenções para a pobreza, para a falta de capital e tecnologia e o atraso em áreas rurais, além da preocupação com as mobilizações de trabalhadores passam a fazer parte das políticas de países capitalistas como os EUA, que se aproximavam da América Latina por meio de acordos de cooperação. Em outra obra Mendonça reforça:

“Os objetos com os quais o desenvolvimento começou a lidar no pós-1945 eram numerosos e variados. Alguns estavam claramente postos – pobreza, insuficiência de tecnologia e capital, práticas agrícolas arcaicas, etc. – enquanto outros foram introduzidos de forma sub-reptícia, mormente atitudes culturais, valores, além de fatores religiosos, geográficos e étnicos associados ao “atraso”.” (MENDONÇA, 2009, p149)

Em “*Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre contradições da sociedade agrária no Brasil*”¹, José de Souza Martins refletiu sobre essa temática da modernização do campo e a industrialização. No primeiro capítulo dessa obra nos diz que: “O crescimento industrial do Brasil e o concomitante crescimento da população urbana, nas últimas décadas, redefiniram as relações entre o mundo rural e o mundo urbano.” (MARTINS, 1975, p.02)

Para uma melhor reflexão, Martins cita autores como Visconde de Taunay e Alberto Torres. Segundo Martins, Alberto Torres - que era ligado aos Clubes Agrícolas, como falarei mais a frente -, mesmo que disfarçadamente em sua obra “*O Problema Nacional Brasileiro*”², “Ressalta a industrialização e a urbanização como eventos associados na dissolução dos valores nucleares da sociedade brasileira de então.”³

A urbanização e, portanto a industrialização e a divisão social do trabalho levou a caracterização do meio rural serem estereotipadas tendo um cunho negativo por ser associado ao atraso. O homem que vive no campo e trabalha na terra era visto como caipira; desprovido de civilidades e marcado pela ingenuidade, preguiça e por uma aparência de maltrapilho doente. Em relação a isso e aos valores ditos urbanos a respeito da imagem criada sobre a organização da sociedade agrária, Martins explicita:

“O estereótipo, por sua vez, conduziu a duas atitudes básicas: o seu uso para reforçar as características urbanas da existência dos que o utilizavam (e que, ao que parece, não se distanciavam demasiado dele, transformando-o numa afirmação verbal e ideal) e sua manipulação para advogar a “intervenção” das instituições urbanas na vida rural, dinamizá-la e propiciar as condições para transformar o caipira do estereótipo no cidadão das concepções urbanas.” (MARTINS, 1975, p.4)

Isso só prova, mais uma vez, a relação existente entre os dois meios e de como as ideias urbanas permeiam a organização do meio rural ao reestruturar não só seus pontos econômicos e

¹ MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo. Pioneira. 1975.

² TORRES, Alberto. **O problema Nacional Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914, p.XV

³ Torres trata aqui ainda do final do século XIX e início do XX. MARTINS, *Op. Cit.*, p.3

políticos como os sociais. O trabalho da cidade é visto de forma diferente do trabalho do campo, mesmo que os dois se configurem como braçais e se complementem, o trabalhador rural ainda assim foi depreciado em relação aos seus direitos – como a questão das leis trabalhistas e questões sindicais – e em meios como a mídia e a literatura.

Esse pensamento do rural sendo atrasado em relação ao urbano pode ser visto em projetos como os de Extensão Rural e os projetos educacionais pautados sob o produtivíssimo, os quais vão ser responsáveis por retirar essa população da dita ignorância, predominando a ideologia e as mentalidades urbanas.

“Ao contrario, as características humanas e econômicas que a ideologia urbana desfavorece e que se manifesta, por exemplo, no estereótipo do caipira, são as que tendem a impor-se como possíveis nas condições que determinam o capitalismo no Brasil.

É, pois, o estabelecimento tradicional que se constitui num dos pontos de apoio da efetivação do mundo capitalista e urbano no país. E é justamente esse tipo de estabelecimento que o mundo urbano pretende “modernizar”. Ele precisa vender mercadorias, mais precisa, igualmente, comprar barato aquilo que consome. A realização do primeiro desejo destrói as possibilidades de efetivação do segundo.”
(MANTINS, 1975, p.13)

A educação rural tem um papel fundamental no que diz respeito ao projeto de modernizar o campo e é por meio dela que valores capitalistas, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, são inseridos nessas sociedades. Diante de problemas urbanos, do crescimento populacional das cidades e devido ao avanço de mobilizações no campo, essa modernização deveria ser respaldada por ideias de dignificação do trabalho rural e assim a educação mais que nunca teria o slogan “educar para o trabalho” como um projeto hegemônico das classes dominantes.

Era necessário que o trabalhador rural entendesse que sua prática precisava ser modernizada, assim como alguns hábitos (como alimentares e de higiene) para fazer parte de um projeto nacional de desenvolvimento do país. Mas para isso deveria passar a ter consciência que seu trabalho na lavoura era fundamental e assim, mais uma vez a educação, a de jovens em especial, era importante para que esses princípios fossem enraizados na sociedade rural, como foi o caso dos Clubes Agrícolas que tratarei a seguir.

Criação e Difusão dos Clubes Agrícolas

Para entendermos o que são os Clubes Agrícolas, sua criação e difusão em varias regiões do país, temos primeiramente que considerar que a Educação Rural como um todo, foi marcada pela luta de classes e por embates dentro da própria classe dominante. A busca pela hegemonia pode ser vista pelas disputas travadas para tornar um projeto de educação hegemônico junto ao Estado Restrito.

Para melhor entender farei uso da teoria e metodologia do conceito de Estado Ampliado de Antônio Gramsci. Assim, podemos entender a Sociedade Civil e sua organização através dos Aparelhos Privados de Hegemonia -os quais elaboram os projetos educacionais - e a Sociedade Política ou Estado Restrito que torna o projeto hegemônico em forma de políticas publicas, aqui no caso para o campo.

As disputas em relação à Educação Rural, mais especificadamente sobre os Clubes Agrícolas, são travadas entre o Ministério da Agricultura (MA) e o Ministério da Educação e Saúde (MES), fundado no pós-30. As contradições dentro da educação dos jovens do meio rural ficam nítidas ao analisar, mesmo que superficialmente esses Clubes.

A educação rural era vinculada inicialmente as ideias e demandas da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)⁴, a qual era responsável em afirmar que esses Clubes seriam espaços “extraescolares”, portanto, vinculados em forma de anexos às escolas primarias das zonas rurais, que por sua vez estavam subordinadas ao Ministério da Educação. Ressalto para melhor compreensão que as escolas primárias rurais estavam sob a responsabilidade do Ministério da Educação, mas os Clubes Agrícolas respondiam ao Ministério da Agricultura, o que causava desconforto entre duas, pois possuíam projetos divergentes sobre a educação.

O Ministério da Agricultura através dos seus dirigentes (também intelectuais orgânicos da SNA) tinham como proposta a criação dos Clubes Agrícolas apenas como uma forma para completar a educação dos jovens, sob o discurso de desenvolver melhores condições para preparar esses futuros trabalhadores e aproveitando para acabar com o que consideravam ser o atraso do campo. O espírito cooperativo foi motivado nos jovens, em suas famílias e na comunidade em que viviam, sempre com intuito de inculcar novos valores sobre a agricultura, sobre o trabalho na terra e sua importância para os jovens que seriam futuros produtores.

Qualquer atividade feita dentro dos muros dessa instituição e todas as ideias elaboradas para serem usadas por esses jovens e seus familiares, eram registrados em atas e enviados ao Serviço de Informação Agrícola (S.I.A.) do Ministério da Agricultura. Além disso, ainda eram elaborados

⁴ A Sociedade Nacional de Agricultura consistia em uma agremiação que organizava em sua volta diversos setores agrários, principalmente das regiões Nordeste, Sudeste e Sul desde o século XIX. Grande parte de seus funcionários fizeram parte da alta cúpula do Ministério da Agricultura durante o período aqui estudado, portanto muitas das políticas educacionais faziam parte do seu projeto hegemônico.

relatórios (para prestação de contas dos subsídios fornecidos pelo Estado e outras agências financiadoras) e cartilhas educacionais.

Como veremos mais adiante, o discurso desenvolvimentista estava presente não só nos projetos de atividades cotidianas dos Clubes Agrícolas como na Educação Rural como um todo. Logo, um dos objetivos dos projetos educacionais das classes dominantes, era o aumento da produtividade agrícola por meio do preparo das crianças e jovens dos Clubes como futura mão-de-obra para o campo.

O Brasil do pós Segunda Guerra Mundial seguia exatamente o modelo de modernização desejado, sendo assim, educavam os jovens através da difusão entre eles dos ideais positivos – considerados pela classe dirigente – do uso de novas técnicas para a produção e do incentivo ao consumo de insumos agrícolas como sementes, mudas e técnicas de adubação.

Foi dessa forma que valores capitalistas foram entrando no meio rural e criando raízes fortes junto aos trabalhadores do campo através dos seus filhos. A transformação da mentalidade dessas crianças e jovens frequentadoras dos Clubes Agrícolas foi provocada pela propagação de ideias sobre a valorização da terra e do trabalho no campo, por meio do *slogan* “**trabalho para a vida**”.

Valores esses vindos da cidade e adaptados para serem absorvidos pelo Campo de acordo com suas atividades políticas e econômicas que visavam, por exemplo a fixação do homem ao campo, impedindo – num contexto de industrialização acelerado principalmente nos anos 1950 – o êxodo para as cidades que sofriam com o inchaço populacional. Nesse período a “vida rural” e o “trabalho rural” foram enaltecidos. Outro motivo para mudar a mentalidade da sociedade rural era o crescimento de movimentos sociais, ou seja, a proposta se estenderia para impedir a organização de resistências contra o Estado no campo.

Os Clubes Agrícolas na realidade estão presentes no Brasil desde a década de 1930 e o grande incentivador foi Alberto Torres que difundiu suas ideias de educação rural pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres⁵ fundada, no Estado do Rio de Janeiro, em 1932. Essa sociedade não só realizava encontros e patrocinava alguns congressos sobre educação em geral, além de fazer as chamadas Semanas Ruralistas, e os Clubes Agrícolas Educacionais. Nesse período apenas algumas regiões possuíam esses Clubes e eles nada tinham de projeto nacionalizante.

Podemos dizer que a educação rural começou a ser disputada pelas agências do Estado Restrito com a criação em 1930 do Ministério da Educação e Saúde. Esse Ministério não

⁵ Alberto Torres foi um político brasileiro e exerceu cargos importantes no início da República. A Associação que leva seu nome foi criada em 1932 e tinha vários núcleos em diferentes regiões do país, defendendo a educação rural através da realização de congressos e cursos, além de atuar em Semanas Ruralistas e nos Clubes Agrícolas. A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres foi composta por figuras de destaque como Oliveira Vianna, Alcides Gentil, Sabóia Lima, Cândido Mota Filho, Roquete Pinto, Juarez Távora, Plínio Salgado, Sud Menucci e outras. Nela eram discutidos os problemas nacionais pelos quais o país passava, e assim sendo o Patrono Alberto Torres era uma referência no que dizia respeito a da organização nacional. Logo, em meio aos rumos que o país tomava, os membros da Sociedade retomavam suas ideias em vários momentos.

apresentava um projeto firme para a educação rural, pois mesmo defendendo a expansão de escolas primárias (educação formal como nas áreas urbanas), se distanciava de projetos voltados exclusivamente para a educação no campo defendidas, por exemplo, pelo Ministério da Agricultura e, portanto pela SNA. A correlação de forças entre os dos Ministérios era nítida ao analisar os projetos como a dos Clubes Agrícolas.

“Ao Ministério da Agricultura cabia o ensino agrícola de cunho profissionalizante – incluindo Aprendizados Agrícolas, Centros Agrícolas, Escolas Técnicas Rurais e Ensino Agrônômico – enquanto ao MES competia o ensino primário regular – incluindo os grupos escolares no campo – o ensino médio e superior não agrícolas”. (MENDONÇA, 2010, p.46)

O Serviço de Informação Agrícola (S.I.A.), que citei mais acima, era o órgão criado em 1940 pelo Ministério da Agricultura e que tinha como finalidade tomar conta das questões educacionais e da propaganda de feitos do Ministério da Agricultura. De modo que sua gama de responsabilidade iria além da criação e difusão dos Clubes Agrícolas, ou seja, deveria, também, organizá-los e elaborar publicações para os jovens (cartilhas, livros sobre clubismo, relatórios) e a comunidade rural. Foram elaboradas propagandas em rádios e imprensa no geral para divulgar a importância de expandir os Clubes Agrícolas para outras áreas do país.

O projeto de nacionalizar os Clubes Agrícolas veio respaldado pelo discurso patriótico e pela educação cívica e moral desses jovens e sob o discurso de dignificar o trabalho no campo. A difusão de novos hábitos e costumes se tornaram presentes; e ensinamentos sobre a educação alimentar, hábitos de higiene e de economia no lar eram estimulados com o intuito de transformar esses futuros trabalhadores.

Paralelamente, os EUA crescia no pós Guerra como potencia e fez inúmeros acordos com a América Latina. O primeiro no Brasil foi em 1942 com a criação *Comissão Brasileira-Americana para Produção de Gêneros Alimentícios* (CBAPGA), que ajudava a preparar a mão-de-obra a ser utilizada na produção de gêneros a serem fornecidos aos países aliados.

A troca entre os dois países ocorreu não só por acordos como pela criação de agências cujo objetivo seria passar conhecimento técnico para os trabalhadores brasileiros como, por exemplo, o uso de maquinaria moderna no campo. Uma das mais importantes foi o *Institute of Inter-American Affairs* (IIA), fundado por Nelson Rockefeller e sua responsabilidade era na organização da assistência técnica aqui. Essa agência junto com a *Inter-American Educational Foundation, Inc*, levaram ao estabelecimento de um acordo com o Ministério da Agricultura, originando a *Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais* (CBAR), em 1945.

A CBAR difundia as Semanas Ruralistas e os chamados CTs (Centros de Treinamentos)⁶ e sua jurisdição se concentrou na educação de adultos, mas os Clubes Agrícolas também ficaram sob seu domínio. Seu projeto para adultos era o mesmo os que eram direcionados as crianças e jovens por meio dos Clubes, o qual visava a “modernização” da agricultura incentivando a tecnicização da produção.

Ainda na década de 1940, mais precisamente em 1946 foi aprovada a Lei Orgânica do Ensino Agrícola⁷ pelo Ministério da Educação, o qual reformava algumas diretrizes no sistema educacional voltado para o meio rural. Essa lei veio ratificar que os Clubes Agrícolas permaneceriam sob a jurisdição do MA. Esse período alavancou a difusão dos Clubes e essa instituição deveria a partir de agora passar por uma fiscalização mais eficaz e serem devidamente registradas para continuarem funcionando.

Assim, mesmo com o fim da CBAR a difusão dos Clubes Agrícolas permaneceu e o Ministério da Agricultura buscava justificar sua importância demonstrando a necessidade desses Clubes para dar suporte e complemento à educação primária no campo, justificando a carência do espírito incentivador ao trabalho rural dentro das escolas

Já na década de 1950 a relação entre Brasil e EUA ficou mais próxima e foi feita a *Campanha Nacional de Educação Rural* (CNER), em 1953 e à fundação, no Rio de Janeiro, do *Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro-Americano* (ETA), em 1954. O ETA era de viés extremamente produtivista e suas atividades se concentraram na Extensão Rural e não em projetos estritamente educacionais.

Os Clubes Agrícolas sofreram fortes influências dos Clubes 4-H norte-americanos, como ideias de atividades cotidianas, o uso de instrumentos, de insumos, elaboração de cartilhas, etc. Os Clubes aqui mencionado são ligados a escola primária e por isso em diversos documentos podemos ver referências a eles como “Clubes Agrícolas Educacionais”, mas em 1950 Clubes chamados de 4-S foram criados no Brasil e eram uma cópia dos criados nos EUA. Vale frisar, que esses não eram vinculados a nenhum tipo de escola e portanto não é minha intenção falar mais a fundo sobre eles nesse trabalho.

Ao ter contato com algumas documentações a respeito dos Clubes Agrícolas, pude perceber que se mantiveram em pleno funcionamento durante toda a década de 1950 (funcionando paralelamente com os Clubes 4-S) sob a responsabilidade do Ministério da Agricultura até 1961, quando o sistema educacional passa por uma nova reforma com a Lei de Diretrizes e Bases da

⁶ Os CT's, por exemplo, eram destinados a formar “operários agrícolas” no intuito de difundir as novas técnicas agrícolas, afinal o acordo visava “modernizar” a agricultura por meio da maquinização do campo.

⁷ Decreto-lei 9.613 de agosto de 1946

Educação da Educação e Cultura, realizada pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC), que passa a ser chamado assim a partir de 1953 .

Atividades e Valores incutido sobre a importância do trabalho no campo

A partir do contato com uma documentação chamada *Série Clubes Agrícolas* lançada pelo Serviço de Informação Agrícola (S.I.A) e distribuída para todos que trabalhavam nos Clubes, principalmente professoras e alunos, tive acesso a como se davam algumas atividades e quais os valores eram passados para essas crianças e jovens.

Pude constatar, no levantamento dessa documentação a existência de vinte quatro (24) volumes que compõem a *Série Clubes Agrícolas*, conquanto não tenha tido condições de acesso a todos eles, pois parte deles não se encontra no acervo pesquisado (Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro) e serão levantadas para a continuação dessa pesquisa em outro momento. Sendo assim, irei comentar apenas alguns volumes para exemplificar o sentido da criação, funcionamento e difusão dos Clubes Agrícolas, demonstrando sua íntima ligação ao projeto desenvolvimentista do país, ou seja a dita “modernização rural”.

Esse volume é o primeiro da Série e o que consultei era sua segunda edição, publicada em 1949 e escrito por três técnicos do Ministério da Agricultura.⁸ Logo no Prefácio os autores explicam que a primeira edição (1943) foi divulgada sob a forma de folheto, já com o objetivo de fazer propaganda das ideias dos Clubes e dos princípios em que se pautavam. A edição que compõe o documento elaborado pelo S.I.A foi refeita, levando em conta o tempo de experiência de criação e funcionamento dos Clubes, sendo, portanto, mais completa.

Nesse volume encontram-se vários itens considerados de suma importância para a organização dos Clubes Agrícolas, como por exemplo, entender qual seria a mentalidade que os jovens rurais deveriam ter:

“(…) Agrupando a instância e a juventude em núcleos associativos, essas entidades dão aos seus jovens integrantes as primeiras noções de vida coletiva, com seus deveres e responsabilidades; e, ao mesmo tempo, cumprindo as finalidades do seu programa, despertam o interesse pelos trabalhos lucrativos, inspirando entusiasmo pelas atividades do campo, e, por conseguinte, amoldando tendências que, antes, por falta de orientação, se inclinavam para o meio e para as atrações das cidades, em torno de outras profissões julgadas ilusoriamente mais elevadas.” (BUHR; LAVOR, 1949, p.03)

⁸ BUHR, Carlos; LAVOR, Guaraci Cabral de; LIMA, Pinto. Clubes Agrícolas. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1949. (Série Clubes agrícolas, 01).

Nesse volume da série fica nítido o valor sob ter “amor a terra” e da importância e gratificação que seria trabalhar no campo. Eram ensinados hábitos de alimentação e higiene, além da economia doméstica como um caminho para a elevação da vida. Prendiam a criar jardim, a cuidar da horta e usar as novas técnicas para isso.

- “1 – Inculcar na consciência de seus sócios o amor a terra, o sentimento da nobreza das atividades agrícolas e a ideia do seu valor econômico e patriótico.
- 2 – Dignificar o trabalho manual, elevar e engrandecer a vocação e a profissão do agricultor.
- 3 – Mostrar os perigos do urbanismo e do abandono dos campos.
- 4 – Desenvolver o espírito de cooperação na escola, na família e na coletividade.
- 5 – Incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas racionais, pondo em prática os princípios da agricultura científica e demonstrando os rendimentos das lavouras e criações bem tratadas.
- 6 – Suscitar no espírito dos sócios, especialmente meninas, a verdadeira significação do ‘lar’.
- 7 – Colaborar para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sob o ponto de vista da sociabilidade, da estética e da cultura geral.
- 8 – Formar e cultivar hábitos de economia e orientar os sócios sobre a melhor aplicação do seu dinheiro.
- 9 – Fazer a propaganda, na comunidade rural, da vivenda bonita, confortável, alegre e higiênica, ensinando os sócios a achar belas a ordem e a limpeza.
- 10 – Proteger os animais e as plantas. (...)”(BUHR; LAVOR, 1949, p.35-36)

Para ingressar no Clube os jovens deveriam ter entre 8 a 18 anos e seriam chamados de sócios. Em sua organização era composto por uma diretoria que teria presidente, tesoureiro, um secretário, zeladores e também por subdiretorias, que eram específicas de cada atividade dos Clubes (avicultura, horticultura, biblioteca, etc.). A cooperação era a palavra-chave da organização. Um dos objetivos dos Clubes era a criação de líderes e formação de futuros trabalhadores modernos e que pudessem tomar decisões.

A Educação Rural aqui exemplificada, demonstra ser um instrumento em prol do “progresso” que as classes dominantes visavam na época e seu objetivo era formar uma mentalidade empreendedora como as criadas em espaços urbanos. O projeto de educação desses Clubes, portanto preparavam esses jovens para se tornarem o que seria de mais modernos dentre os produtores.

“O agricultor moderno é aquele que, tendo adquirido o gosto pela instrução, procura sempre novos conhecimentos, orienta-se com elementos fornecidos pela ciência, transformando, melhorando, aprimorando em todas as suas faces os cabedais com que eleva o seu nível mental, valorizando-se constantemente. O agricultor moderno não se improvisa: cria-se à luz da ciência e ao estímulo do amor À terra que lavra dia a dia.” (BUHR; LAVOR, 1949, p.72-73))

Os clubes agrícolas recebiam, quase que todos os meses ou bimestralmente, uma revista chamada *Brincar e Aprender* que era produzida também pelo Serviço de Informação Agrícola, e que apresentava histórias e fabulas para as crianças; relatos de atividades de alguns Clubes; brincadeiras como caça-palavras para os jovens, artigos sobre financiamentos e suprimentos para essas instituições e textos que mostravam o quanto esse espaço de conhecimento era importante para formação dos futuros trabalhadores rurais. Podemos ver isso de forma sutil em algumas passagens ou mesmo de forma explícita.

“Missão da Educação Rural

À educação rural, entrelaçamento harmônico de tudo que educa, civiliza, aperfeiçoa, enraíza o homem ao seu próprio ‘habitar’, está reservada a missão de preparar as gerações futuras, renovando-as e fixando-as, para desenvolvimento e progresso da própria terra.

Prof. Maria do Carmo Ramos Pinto Ribeiro”⁹

Os Clubes obtinham subsídios não só do Estado pelo Ministério da Agricultura, mas por meio de outras organizações como a *Legião Brasileira de Assistência* (L.B.A.), que era dirigida por Darcy Vargas, esposa do Presidente Getúlio Vargas. Ao longo de alguns volumes da *Brincar e Aprender* vemos propagandas enaltecendo os clubes feita pela L.B.A. e que deixava claro que um dos seus objetivos juntos aos jovens era a questão do trabalho com a terra.

“(…) Essa campanha, ora sob o patrocínio da L.B.A., está produzindo os mais animadores resultados e deveria ter maior apôio dos governos estaduais, que, se imitassem o exemplo do DF prestariam um inestimável serviço à Nação por isso que os Clubes Agrícolas, cumprindo as finalidades do ambiente e do trabalho rural eles nos darão agricultores capazes, de espírito evoluído, conhecedores dos métodos racionais de lavoura e criação. È na escola rural, nos Clubes Agrícolas, que se há le Plasmar êsse elemento de tão grande valor social e econômico para o

⁹. Serviço de Informação Agrícolas. *Brincar e Aprender*. Out-dez de 1944. P. 10

Brasil: o agricultor moderno, nascido de uma vocação (...) Os grandes começam pequenos...”¹⁰

A prática de lidar com a terra e com a produção fazem parte das atividades diárias desses jovens, eles aprendem a plantar, jardinagem, a criar galinhas e outros animais e sempre em forma de brincadeira, pois acredita-se que essa era a melhor forma de ensiná-los e de mostrar que se tornar um trabalhador rural é prazeroso e não precisa ser algo imposto e maçante. Ou seja, a intenção realmente é fazê-los criar gosto por trabalhos principalmente, manuais.

“Brincando de trabalhar

Há mil maneiras de brincar, tôdas elas divertidas para a alma alegre das crianças. Brinca-se de berlinda e cabra-cega, de pique e amarelinha, de roda e de tempo-será, de mamãe-posso-ir, de correr, pular carniça, de tudo, enfim, até de...trabalhar!

Entre tôdas as brincadeiras é está a preferida pelos alunos do Grupo Escolar Rural do Butantã, em São Paulo, que trabalham alegremente no seu Clube Agrícola, plantando e colhendo, criando bichos de seda, tratando das galinhas, cuidando das abelhas. (...)”¹¹

Para ratificar o quanto a questão do trabalho e da produção agrária era de extrema importância durante esse período estudado, destaco outra passagem da Revista sobre a valorização do trabalho ligada diretamente a ideia de levar o país ao progresso a partir do desenvolvimento econômico do meio rural pela via da educação de jovens que seriam, mais tarde, novos produtores.

“Quando a ‘operação C.A.’ se põe em marcha evidencia-se a grande importância de ‘ruralizar’ a escola primária em todo o interior brasileiro –obra relevante não só na esfera educacional como também no plano econômico para o desenvolvimento de nosso país.”¹²

A exaltação do meio rural estava sempre, de alguma forma, presente no boletim. Na coluna “*Pensamentos*” são publicadas várias frases relativas a terra como riqueza, deixando transparecer a preocupação com o êxodo rural que ocorria nesse período pois, afinal, a cidade crescia, porém não absorvia a mão-de-obra proveniente do campo. As demais eram reflexões sobre diversos assuntos, tal como se segue.

“PENSAMENTOS

Não receie a adversidade: lembre-se de que os papagaios de papel sobem contra o vento, não a favor deles. Hamilto Mabie

¹⁰ Serviço de Informação Agrícolas. Brincar e Aprender. Maio-jun de 1944. P.15

¹¹ *Id.Ibid.* P.20

¹² Serviço de Informação Agrícolas. Brincar e Aprender, Nov de 1959. P.4

Basta um minuto para fazer um herói; mas é necessário uma vida inteira para fazer um homem bom. P. Brulat.

Não cometas nenhum ato vergonhoso nem na presença de outros nem em segredo. A tua primeira lei deve ser o respeito a ti mesmo. Pitágoras

As terras são riquezas mais estáveis e firmes do que as riquezas provenientes da indústria mercantil. Machiavelli

Eis o conselho que certa vez ouvi alguém dar a um jovem: ‘Faça sempre o que tiver receio de fazer’. Emersão

Pratica cada ação como se fosse a última da sua vida. Marco Aurélio”¹³

Assim, os Clubes passaram por períodos de grandes transformações políticas e econômicas do país e estavam ligados diretamente as mudanças, sobretudo, sociais por terem como um dos objetivos a transformação das mentalidades e do comportamento da sociedade rural, como foi visto.

Ao longo da análise conseguimos identificar os beneficiados com as políticas em torno da Educação Rural e de que forma os Clubes ajudaram na entrada de novas ideias no campo. É nítida a metamorfose sofrida pelo meio rural com a chegada da ”modernização” e do incentivo ao desenvolvimentismo, pois dessa forma vemos como o “novo” trabalhador rural vai sendo moldado não só a partir da transformação que perpassa o seu modo de produzir, como o de ver a vida no campo como o melhor caminho a ser seguido.

Conclusão

O Brasil um país historicamente agrário, demonstra que a industrialização das suas cidades e a urbanização crescente remodela não só o espaço físico da cidade, como o espaço e as mentalidades do campo, principalmente dos trabalhadores. Foi refletindo sobre as atividades, os objetivos dos Clubes Agrícolas, as transformações em prol de uma modernização e a criação de instituições, acordos, agências que conclui o quanto o campo e a cidade possuem uma dialética.

Fica claro, a partir da análise das fontes, ou seja, dos documentos destinados aos clubes e até produzido por eles, as propostas criadas para a educação rural, nos levando a refletir não só sobre os modos de ensinar mas, também o tipo de conhecimento a ser transmitido através das atividades desses Clubes e quem realmente seria beneficiado com tais transformações.

Os Clubes Agrícolas devem ser vistos como uma instituição educacional que seriam as “portas de entrada” de vários tipos de valores, sendo o principal deles o cerne do capitalismo que passava a fazer parte da realidade do campo a cada ideia de se modernizar mais a vida no campo. Os Clubes tinham um projeto educacional pautado pelo produtivíssimo, uma vez que seu discurso e

¹³ Serviço de Informação Agrícolas. Brincar e Aprender,1945. P.21

suas praticas visavam expandir a tecnificação do campo, por meio do ensino de novas técnicas aos jovens, em particular o consumo de insumos agrícolas e máquinas.

Portanto, os Clubes Agrícolas foram de extrema relevância na formação teórica e pratica dos jovens rurais deste período, eles não só eram ligados a educação primaria como paralelamente inculciam valores para fixar o homem ao campo freando o êxodo Rural, contendo ou dificultando a capacidade de organização dos movimentos sociais rurais (num período em que o avanço de ideias comunistas tornou-se um grande temor), sempre tendo como espelho a politica dos Estados Unidos.

Bibliografia

BUHR, Carlos; LAVOR, Guaraci Cabral de; LIMA, Pinto. **Clubes Agrícolas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1949. (Série Clubes agrícolas, 01), p. 35-36

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo. Pioneira. 1975.

MENDONÇA, Sonia. **A industrialização brasileira**. São Paulo: Moderna. 1995 (Coleção Polemica). p51

MENDONÇA, Sonia. **Ensino Agrícola e Influência Norte Americana no Brasil (1945-1961)**. Rio de Janeiro: Revista Tempo, 2009. p 149

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado, educação rural e influência norte-americana no Brasil (1930-1961)**. Niterói: Editora da UFF, 2010. p.46

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA. Brincar e Aprender.

TORRES, Alberto. **O problema Nacional Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914, p.XV